

Operadores de linhas acham que não deve haver cortes

por Mara Luquet
de São Paulo

O impacto de um possível embargo no acordo entre o Brasil e o Clube de Paris — firmado em fevereiro de 1992 — está concentrado no âmbito político. O País poderá sofrer um desgaste na sua imagem internacional, mas dificilmente sofrerá um corte nas linhas oficiais do Clube de Paris que estão disponíveis para os importadores brasileiros. Segundo a avaliação de operadores deste mercado.

Mesmo antes de o Brasil ter chegado a um acordo com o Clube de Paris, algumas agências como o Eximbank americano ou a CESCE, da Espanha, já financiavam as importações brasileiras. Analistas desse mercado ressaltam que é improvável que o setor privado sofra retaliações do Clube de Paris. Na maioria dos casos, as agências excluem o setor público do alvo de suas operações. O Eximbank, após o acordo com o Clube, anunciou que estava disposto a financiar também o setor público, desde que as ope-

rações tivessem a garantia de um banco de primeira linha.

RECESSÃO

Nos últimos dois anos, com a recessão em que se meteu a economia brasileira, o que acontece é que as linhas chegam a sobrar no País e sofrem com uma baixa cotação. Isso porque, em geral estes recursos servem para financiar investimentos no setor produtivo, uma prática escassa no País neste período. As linhas financiam as importações brasileiras de máquinas e equipamentos e foram acessadas nos últimos anos para a manutenção ou reposição de peças no parque produtivo, raramente significaram novos investimentos.

Carlos Brigagão, chefe da área internacional do Banco Francês e Brasileiro (BFB) — instituição forte neste segmento — diz que atualmente tem em cotação US\$ 7 milhões do Eximbank, uma cifra pouco acima do que fora registrado em maio mas ainda longe do que movimentava esse mercado em anos anteriores.